

O Ecomuseu De Sepetiba Como Ferramenta De Integração

Entre A Comunidade E A Baía

Apresentação oral

Introdução

O bairro de Sepetiba, localizado na cidade do Rio de Janeiro, vem ao longo de sua história sofrendo mudanças que levaram a um processo de estagnação econômica, provocada, em especial, nos últimos anos, pela degradação ambiental sofrida seja pela criação de um distrito industrial no bairro de Santa Cruz ou pela criação de um porto na cidade de Itaguaí. O Ecomuseu de Sepetiba surge assim, como um instrumento que nos permite reconhecer e redescobrir, pois mesmo no presente, o que nos configura não é somente o belo do passado, mas o desejo de transformação, de mudança para um futuro melhor. Nesse processo o Ecomuseu vem conquistando mais espaço e mobilizando cada vez mais os moradores do bairro de Sepetiba.

O presente trabalho tem como escopo principal narrar esse processo museológico experimentado no bairro Sepetiba. A comunidade de Sepetiba vem se expressando através deste Ecomuseu, demonstrando a importância desta ferramenta (o Ecomuseu) para envolver a comunidade local na preservação do meio ambiente natural através da conscientização ambiental e também na valorização das singularidades de expressão / manifestação cultural ligados a esta comunidade.

O modo de vida desses homens e mulheres, moradores dessa localidade foi drasticamente modificado, o que provocou exclusão e a perda dos meios de subsistência desta comunidade tipicamente de pescadores. Para identificar este fenômeno social, é primordial uma análise mais aprofundada, no entanto, faremos aqui uma breve análise das transformações sociais; relações de poder envolvidas na produção de referências históricas e culturais da localidade.

Expondo o processo (Objetivos, metodologia e resultados parciais)

O discurso que prioriza o desenvolvimento já é lugar comum em nossa sociedade, contudo basta um olhar mais aguçado para constatarmos que na maioria das grandes cidades do nosso colossal Brasil nunca há um planejamento adequado de infraestrutura para a população. Vale a pena ressaltar que Desenvolvimento / crescimento não são análogos, e em nosso caso a urbanização desenfreada, a febre industrial, o deslocamento de populações inteiras das áreas centrais da cidade para a Zona Oeste, dentre outros fatores contribuíram e muito para atual situação da região aqui apresentada.

Devido a todo o processo de degradação ambiental ocorrido na localidade aqui tratada, famílias inteiras viram-se desamparadas economicamente, pois viviam da pesca, do turismo, e de todo o resto de atividades econômicas relacionadas com o meio ambiente, com a baía de Sepetiba. Com a degradação da baía o único meio de subsistência dessas famílias foi-lhes tirado, já não podem viver exclusivamente da pesca, toda a comunidade era voltada para atividades relacionadas ao turismo e a pesca,

consequentemente dependia das temporadas de veraneio, há necessidade de um trabalho intenso e ininterrupto para ajudar na recuperação da economia local, da autoestima dos moradores e no desenvolvimento.

Para tanto, o museu que abraça a comunidade na sua gestão busca fortalecer a integração e mobilização da comunidade, envolvendo os moradores em todos os processos de gestão e organização, ou seja, um museu da comunidade para a comunidade, que prioriza a representação na coordenação deste museu por residentes dos vários sub-bairros.

O advento de criação do Porto de Itaguaí, na baía de Sepetiba demonstra uma ausência de diálogo com as conexões globais, impondo, de cima para baixo, um eixo de desenvolvimento econômico, que não beneficia a localidade, muito pelo contrário, estabeleceu um marco para a estagnação econômica de sua população que teve suas fontes de renda radicalmente reduzidas. Reforçando na localidade, o fim de sua balneabilidade, confinando o bairro a um período ainda não superado de exclusão e estagnação econômica.

A população local, a comunidade se expressa por meio desse museu, indaga, decide, pesquisa, preserva, conserva, expõe e busca encontrar alternativas para transformar a realidade ou encontra meios de se adaptar as mudanças. Mesmo com obras ditas de reabilitação ambiental na praia de Sepetiba, iniciadas no ano de 2010 as condições da baía continuam dificultando a vida dos pescadores, pois a balneabilidade continua comprometida, bem como a poluição compromete o desenvolvimento das espécies características da baía. Para que a baía de Sepetiba seja despoluída, “reabilitada” ambientalmente de fato, demanda tempo e mais investimentos.

Os museus locais, Ecomuseus, de perfil comunitário buscam, com a participação da população, ter no museu a sua ferramenta, como um importante instrumento para o desenvolvimento e para o entendimento de sua realidade. Entender seu território, sua paisagem, seus patrimônios, suas memórias, suas histórias, conhecer a si mesmo, e a partir daí revigorar a autoestima, elemento basilar para que ocorra um diálogo mais democrático, que permita escutar os ecos do silêncio, bem como para que se permita rejeitar os moldes impostos há muito tempo pelos centros hegemônicos de poder, que construíram ideologias que marginalizam as culturas das populações menos favorecidas.

Como nos ensina o mestre Hugues de Varine “o desenvolvimento não pode se fazer sem a participação efetiva, ativa e consciente, da comunidade” e é isto que viemos buscando em Sepetiba, para que a partir da ação conjunta possamos reverter o quadro desolador que se instaurou em nosso Recanto.

Nesse contexto, estamos estudando e adaptando à nossa realidade, as técnicas aprendidas aqui no Brasil e em outros países, em especial, com a experiência mexicana, nos permitem avançar mais no processo de sensibilizar e despertar nos moradores o sentimento de pertencimento, elemento fundamental para uma participação comunitária efetiva. A nossa perspectiva para a capacitação de nossos atores está focada no diálogo com as diversas instituições do bairro, onde nos preocupamos em aumentar a rede de participantes e na elaboração de um plano de trabalho anual com a realização de oficinas sobre museologia comunitária, participação e liderança comunitária, aprofundamento nos conhecimentos do território e da história local, para que esse grupo possa mobilizar de maneira dinâmica, a comunidade do bairro de sepetiba.

Referências bibliográficas

FREIRE, Paulo. *A Importância do Ato de Ler*. São Paulo: Cortez Editora, 1982.

_____ *Educação como Prática de Liberdade*. 14. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

_____ *Pedagogia da Autonomia. Saberes Necessários a Prática Educativa*. 33 ed. São Paulo. Paz e Terra, 1996.

MAGALDI, Monique Batista. *O Ecomuseu do Quarteirão Cultural do Matadouro de Santa Cruz: Estrutura e Propostas*. 2006. Disponível

em: <<http://www.unirio.br/jovemmuseologia/documentos/1/entrevistamonique.pdf>>

VARINE, Hugues de. *O Museu Comunitário é Herético?*. Trad. O.M.P. Quarteirão, Rio de Janeiro, Abr, p.12, 2006

_____ . 2012. *As Raízes do Futuro: O Patrimônio a Serviço do Desenvolvimento Local*. Tradução de Maria de Lourdes Parreiras Horta. Porto Alegre: Medianiz.